

Fui poeta menor, perdoai!*

José Almino de Alencar

Criou-me, desde menino,
Para arquiteto meu pai.
Foi-se-me um dia a saúde...
Fiz-me arquiteto? Não pude!
Sou poeta menor, perdoai!

"Testamento", Manuel Bandeira

DE ALGUM LUGAR, CUJA REFERÊNCIA PERDI, me vem a citação de Jorge Luís Borges: "É muito difícil ser um poeta menor". A afirmação traz a ambiguidade que caracteriza o escritor argentino. Ser um poeta menor seria algo penoso, sofrido, que somente poderia ser conquistado com muito esforço. Tornar-se-ia então um atributo único, pequeno brilho especial, como um documento de identidade: "pessoal e intransferível".

Essa voz individual, íntima, Ribeiro Couto a procurou, de início, seguindo os ecos dos simbolistas. Nos seus dois primeiros livros – *O Jardim das Confidências* e *Poemetos de Ternura e de Melancolia*, encontramos essa comunhão sutil entre a imagem e a reflexão, a descrição da paisagem unindo-se ao sopro da melancolia, tão evocadora da poesia de Verlaine. Nesses poemas, a imagem da chuva, símbolo renitente do recolhimento e da nostalgia, aparece com frequência, descrita em linguagem simples, direta, quase coloquial, embora rimada:

Escutando o bater da chuva nos telhados
Tenho um desejo triste, um desejo doente

* Texto de introdução a *Melhores Poemas*, de Ribeiro Couto, selecionados por José Almino.

De viver só, viver entre livros amados,
Numa cidade que imagino vagamente...

A influência simbolista e a adoção desse tom poético merencório, em surdina, que vinha de par com a escolha repetida de uma imagética abafada, cheia de "neblinas", manhãs friorentas, paisagens crepusculares e noturnas, certamente contribuiu para que Ribeiro Couto seja descrito, nos seus primórdios, como penumbriado, à semelhança do Manuel Bandeira de *Cinza das Horas*.

Logo, no entanto, Ribeiro Couto passa a integrar o Modernismo. Aderiu ao movimento, por assim dizer, naturalmente, mantendo uma continuidade de temática e linguagem.

Entre as razões que motivaram a sua identificação com o movimento estava, como assinalou Péricles Eugênio da Silva Ramos,¹ a vontade de combater a "hidra baiana", ou seja, a retórica grandiloquente que ainda era marca de uma certa literatura. Este era, entretanto, um exercício que já vinha praticando desde a sua primeira fase, como reivindica no poema *Surdina*, escrito antes de 22:

Minha poesia é toda mansa.
Não gesticulo, não me exalto...
Meu tormento sem esperança
Tem o pudor de falar alto.

No entanto, de olhos sorridentes,
Assisto, pela vida em fora,
À coroação dos eloqüentes.
É natural: a voz sonora
Inflama as multidões contentes.
Eu, porém, sou da minoria.

¹ RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. "O modernismo na poesia". In: *Literatura no Brasil*, vol. V, direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Sul América, 1970, p. 100.

Os seus poemas já traziam a marca prosódica do linguajar cotidiano, própria do Modernismo, que aflorava em metáforas simples, porém expressivas, contrastantes:

Ah! que delícia é olhar! Da minha água-furtada
Avisto, muito longe, a torre de uma igreja
Como que apunhalando o véu da chuvarada.

Por vezes, rompendo com o tom mais solene do penumbrismo dos primeiros poemas, introduzia também algum traço ingênuo, ligeiramente humorístico, onde o olhar compassivo sublinhava uma imagem ou situação cheias de lirismo. Veja-se, por exemplo, a sua descrição da “Menina Gorda”:

Esta menina gorda, gorda, gorda,
Tem um pequenino coração sentimental.
Seu rosto é redondo, redondo, redondo;
Toda ela é redonda, redonda, redonda,
E os olhinhos estão lá no fundo a brilhar.

É menina e moça. Terá quinze anos?
Umhas velhas amigas da sua mamãe
Dizem sempre que a encontram, num êxtase longo:
"Como esta menina está gorda, bonita!"
E ela ri de prazer. Seu rosto redondo
Esconde os olhinhos no fundo a brilhar.

Um Homem na Multidão e *O Chalé na Montanha*, escritos entre 1921 e 1924, publicados em 1926, são livros modernistas. Compostos em versos livres, eles não trazem, todavia, quase nenhuma das características que se tornaram traços comuns na produção da época: o poema-piada, a celebração da vida urbana, da velocidade, uma auto-satisfação ufanista diante da cultura e da linguagem popular, vividas por alguns modernos como fonte de inspiração e matéria-prima privilegiada para a criação literária.

Embora armado da ironia modernista, Ribeiro Couto reitera as suas antigas escolhas e afinidades. Em "A invenção da poesia brasileira", ele investe contra a eloquência programática de seus contemporâneos:

Eu escutava o homem maravilhoso,
O revelador tropical das atitudes novas,
O mestre das transformações em caminho:
"É preciso criar a poesia deste país de sol!
.....
O Brasil é cheio de sol! O Brasil é cheio de força!
É preciso criar a poesia do Brasil!"
Eu escutava, de olhos irônicos e mansos,
O mestre ardente das transformações próximas.

Por acaso, começou a chover docemente
Na tarde monótona que se ia embora.
Pela vidraça da minha saleta morta
Ficamos a olhar a praça debaixo da chuva lenta.
Ficamos em silêncio um tempo indefinido...

E lá embaixo passou uma mulher sob a chuva.

O gosto pelo tom menor, pela *surdina*, pela graça fugaz do instante, são marcas da trajetória individual do poeta, em face da balbúrdia dos "manifestos literários", do furor das incompreensões:

"Poesia"

E te envolverão com atitudes sinistras.
E desejarão secretamente a tua morte.
E atirarão sobre a tua cabeça
O riso fácil das incompreensões.

Entretanto, dentro de ti, indiferentes,
Como a chuva mansa caindo num jardim,

As palavras melancólicas de poesia
Abençoarão a trágica doçura da vida

Essa preferência pelo lirismo tem sido assinalada, às vezes, como a característica de uma criatividade mediana ou mesmo a marca de um temperamento conservador. Um historiador da literatura e crítico define a passagem de Ribeiro Couto pelo movimento modernista da seguinte maneira: "No conjunto da obra, o poeta se mantém sempre numa posição de equilíbrio tradicionalista. Em quase nada contribuiu para a renovação do Modernismo".²

No entanto, aos nossos olhos contemporâneos, a "alegria anárquica" das vanguardas modernistas, o seu progressismo militante, nos parecem um tanto simplista e ingênuo. "Quando as propostas de modernização se mostram esgotadas... o simbolismo do final do século (XIX), com a sua melancolia e uma certa visão trágica",³ torna-se mais atraente, e, quem sabe, até mais adequado, às nossas perplexidades atuais.

Dentro do Modernismo, o nosso poeta, assim como Manuel Bandeira, *era da minoria*. Este último ostentava o seu lirismo com orgulho e uma dose grande de falsa humildade: proclamava-se *poeta menor*. Por sua vez, Ribeiro Couto, permanecendo fiel à linhagem simbolista, sabia-se na contramão do movimento modernista, mas fazia questão de alardear o seu sentimentalismo. O seu sentimentalismo tão Brasil, como diria Bandeira.

Assim, por exemplo, em resposta a uma carta onde Carlos Drummond de Andrade sugeria um parentesco entre a sua poesia e a poesia um tanto piegas do romântico Casimiro de Abreu, ele observava, bem-humorado:

Agora, tenha paciência: Casimiro é a sensibilidade mais rica de nossa literatura de ontem. Porque de um modo geral eu considero parentes de Casimiro de Abreu todos aqueles que

² CASTELO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origem e unidade*, vol. II. São Paulo: Edusp, 1999, p. 166.

³ LINS, Vera. *Ribeiro Couto, uma questão de olhar*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997, p. 5. (Papéis Avulsos, 30)

têm uma nota de desencanto. [...] Concluindo: sou portanto um neto de Casimiro. Porém um neto tão diferente do avô. A porção de sangue que se conservou foi apenas a que constitui na minha poesia o fundo irremediável de melancolia.

Ou: de poesia?⁴

Em *Adeuses*, o seu último livro, póstumo, Ribeiro Couto evoca o passado simbolista e renova a sua fidelidade à melancolia:

Tanta era a névoa simbolista
Naquele jardim dos vinte anos,
Que os mármore parnasianos
De ninguém estavam à vista.

Sempre véus de tons esbatidos,
Quando não névoa, chuva densa.
Só eu sabia da presença
Desses mármore escondidos.

Hoje, tantos anos passados,
Ao fim de uma tarde cinzenta
Voltar ali ainda me tenta,
Entre os salgueiros desfolhados.

Um vago pôr-de-sol recorta
O perfil dos mármore claros,
Que seriam talvez de Paros
Sob o céu de Bruges-a-Morta.

Há um certo excesso na repetição dessas imagens nostálgicas, atraindo, por vezes, a ironia dos seus contemporâneos, como Mário de Andrade que o caracterizou como "sujeito brumoso e cheio de lâmpadas acesas e chuva escorrendo pela vidraça".⁵ Há uma certa volúpia complacente, seja, por exemplo, na celebração idealizada do amor

⁴ Carta de 29.11.1925, da coleção da Fundação Casa de Rui Barbosa. Citado por Vera Lins, *op. cit.*, p. 12.

⁵ LINS, Vera. *Op. cit.*, p. 19.

maternal, como na "Lamentação do Amor Materno" (p. 74), seja na contemplação ingênua da cidadezinha do interior, como em "Domingo" (p. 42) ou no "Largo da Matriz" (p. 44):

Ao fundo é a matriz toda branca de cal.
Nas casas chatas, à volta do largo,
As janelas fechadas montam guarda ao silêncio.
A lua sobe no alto da torre.
Os quartos de hora, que rolam do sino,
Em vão sugerem à cidade sonolenta
Os romantismos da madrugada.
É a hora boa de fugir com a moça.

No entanto, em todos esses poemas, o sentimental e o melancólico são exaustivamente depurados por um estilo claro e limpidamente singelo, que transforma os lugares comuns em uma expressão de pura singularidade poética. Desses temas e imagens comuns, que o interesse do poeta magnifica e valoriza, Ribeiro Couto vai construindo, por um processo de seleção e repetição,⁶ a sua individualidade lírica, o seu universo poético.

Da poesia de Ribeiro Couto poder-se-ia dizer o que Otto Maria Carpeaux viu nos poemas de Toulet:⁷

Era uma poesia simplesmente poética. [...] Não era agradável, nem intelectual, nem profundo, nem engraçado. Chamavam-no um poeta "ligeiro" mas seria melhor chamar-lhe

⁶ WILSON, Edmond. *Axel's Castle*. New York: The Modern Library. 1996, p. 24.

⁷ Paul-Jean Toulet (1865-1920).

poeta estreito, porque a sua poesia teve poucos sons e sempre os mesmos, a tonalidade monótona de um dos menores órgãos do corpo humano, que é o coração.⁸

Há versos de Toulet que poderiam ter sido escritos por Ribeiro Couto. Veja-se, por exemplo:

Mourir non plus n'est ombre vaine.
La nuit, quand tu as peur,
N'écoute pas battre ton coeur:
C'est une étrange peine.⁹

Poetas como eles não tiveram muita influência nem deixaram linhagem. Mas são pontos luminosos. Inapagáveis.

⁸ CARPEAUX, Otto Maria. *Ensaaios Reunidos, 1942-1978*, vol. I. Rio de Janeiro: Universidade da Cidade; TopBooks, 1999, p. 304-305.

⁹ Nem morrer é sombra vaga,
À noite – tens medo em vão -
Não ouve o teu coração.
Estranha pena a que pagas.
(tradução de Jorge Wanderley)